

CARREIRAS

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Sob os holofotes

Saber falar em público pode ajudar no desenvolvimento da carreira do pesquisador

A apresentação de resultados de pesquisa em reuniões de departamento na universidade, seminários ou conferências faz parte do calendário de atividades da maioria dos pós-graduandos. Ainda assim, falar em público pode ser um desafio para muitos pesquisadores. Não raro, as apresentações se apoiam em gráficos à primeira vista confusos e slides com textos longos e herméticos que podem comprometer a qualidade da apresentação e a compreensão do seu conteúdo pela audiência. Aprender a fazer uma apresentação boa e equilibrada, seja para pesquisadores da mesma área ou para o público em geral, valoriza o trabalho e pode ser importante no desenvolvimento da carreira do pesquisador.

Falar bem em público requer prática, segundo o biólogo e comunicador científico Atila Iamarino, pós-doutor pelo Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo (ICB-USP) e apresentador do canal *Nerdologia*, no YouTube, em que discute ciência e assuntos da cultura pop. Uma forma de se preparar é investir na divulgação de seus trabalhos fora do ambiente acadêmico, por meio de textos em blogs, vídeos ou podcasts. “Isso pode ajudar os pesquisadores a ter mais envolvimento na hora de falar sobre o que eles estão fazendo para um público mais especializado”, sugere. Outro caminho possível, segundo ele, é acompanhar palestras como as TED Talks e podcasts como o This Week Virology, que apresentam fatos científicos de forma atraente.



“Fazer uma boa apresentação nada mais é que contar uma história, com começo, meio e fim”, afirma Mauro de Freitas Rebelo, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Além de se apresentar em eventos científicos como pesquisador, Rebelo também atua como divulgador científico. Segundo ele, para diminuir o nervosismo e a ansiedade, pode-se, em alguns casos, começar a apresentação com uma breve anedota. “Sempre conto uma história minha e, então, coloco a ciência no meio.” É também fundamental situar o conteúdo da apresentação em um contexto mais amplo de pesquisa e ressaltar sua importância para a área antes de discutir o conteúdo que será apresentado.

Para que isso funcione, explica a psicóloga Ana Arantes, do Laboratório de Aprendizagem Humana, Multimídia Interativa e Ensino Informatizado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), é importante

que o pesquisador se prepare com antecedência e conheça o público para o qual irá falar. “É preciso estabelecer previamente o objetivo da apresentação: definir um conceito, explicar um método ou apresentar alguns dados”, recomenda. “A partir daí é possível definir a melhor maneira de transmitir a mensagem.”

De modo geral, é recomendável que as apresentações sejam curtas, com duração de até 20 minutos. Hoje, segundo Atila, existem na internet várias plataformas que podem ajudar os pesquisadores a fazer uma apresentação visualmente dinâmica e com uma aparência amigável. É o caso do Keynote e do Prezi, softwares que permitem a criação de apresentações mais atraentes. Também é importante pensar no formato da apresentação. “Evitar animações e textos longos, tomar cuidado com as cores e o tamanho da fonte são alguns cuidados básicos que se deve ter ao elaborar uma apresentação”, conclui. ■

Rodrigo de Oliveira Andrade

Ferramentas ajudam a criar currículos digitais

Currículos impressos em papel tamanho A4 e enviados pelo correio contam cada vez menos no momento de pleitear uma vaga de trabalho. Hoje há ferramentas eletrônicas, quase todas em inglês, que auxiliam pesquisadores a preparar currículos digitais elegantes e atraentes. Todas permitem a edição do conteúdo em qualquer idioma.

Uma das opções é o [resume.com](#). Em três passos é possível escolher um modelo de layout, editar o conteúdo e publicá-lo on-line. A plataforma gera um endereço eletrônico que pode ser usado para compartilhar o currículo com quem se deseja.

Já o [resumesimo.com](#) oferece diferentes estilos de layout, é fácil de usar e conta com um assistente que orienta o usuário durante a elaboração do currículo.

Outra ferramenta, mais sofisticada, dinâmica e interativa, é o [Re.vu](#). Ela permite fazer resumos da vida profissional visualmente atrativos e originais, por meio de opções personalizadas de layout e outras ferramentas de navegação. Além disso, oferece um serviço de estatística, a partir do qual o usuário pode analisar o alcance e o impacto de seu currículo.

Já o [super-resume.com](#) é o mais indicado para quem quer um currículo com um aspecto mais sério. A plataforma oferece vários tipos de layout, desenvolvidos por profissionais de relações públicas e recursos humanos. Também conta com um mecanismo que busca na internet os melhores exemplos de currículo para cada tipo de atividade profissional, além de ferramentas que permitem saber por quantas pessoas o currículo foi visto. ■ R.O.A.

PERFIL

Comunicação eficiente

Matemático adquiriu novas habilidades de difusão científica após participar de torneio internacional



O matemático Jackson Itikawa voltou em julho de uma rápida viagem ao Reino Unido com 26 novos contatos no telefone, todos de pesquisadores de outros países com quem troca ideias sobre divulgação

científica. O grupo se conheceu durante a final internacional do FameLab, uma das maiores competições de comunicação científica no mundo, realizada no dia 9 de junho no Festival de Ciência de Cheltenham, na Inglaterra. Competindo com participantes dos Estados Unidos, do Reino Unido e da Coreia do Sul, entre vários outros, Itikawa foi o primeiro brasileiro a representar o país no evento, no qual teve apenas três minutos para falar do tema que escolhera: a importância dos números primos em áreas como a criptografia.

Diante do público e de uma bancada de jurados, Itikawa explicou como os números primos servem para compor a linguagem cifrada que garante a segurança de dados confidenciais expostos virtualmente, como senhas e mensagens enviadas por meio de aplicativos como o WhatsApp. “Embora não tenha ganhado a competição, a experiência ajudou a impulsionar meu entusiasmo pela divulgação científica”, conta o matemático, vencedor da etapa nacional do FameLab, realizada em maio pelo British Council e pela FAPESP (ver Pesquisa FAPESP nº 244).

Atualmente o pesquisador faz pós-doutorado no Instituto de Ciências Matemáticas e Computação da Universidade

de São Paulo (ICMC-USP), em São Carlos. Foi lá, no semestre passado, que começou a dar aulas voluntárias para estudantes do curso de graduação em sistemas da informação. “Utilizar uma linguagem mais acessível se tornou um desafio prazeroso.” Aos poucos, o matemático foi se soltando em sala de aula. “Passei a explicar conceitos complexos por meio de analogias e usando o bom humor.” Na época, Itikawa recebeu um e-mail da FAPESP convidando seus bolsistas a participarem da edição brasileira do FameLab. “Decidi me inscrever porque aquela poderia ser uma oportunidade de mostrar que a matemática pode ser interessante e divertida, diminuindo o medo que muitas pessoas sentem da disciplina.”

De acordo com Itikawa, a experiência o ajudou a desenvolver novas habilidades em comunicação científica, entre elas falar em público com desenvoltura e fazer apresentações mais concisas. “No FameLab o tempo é curto para se apresentar. Isso exige que o pesquisador escolha bem as palavras e as utilize de forma precisa”, afirma. Algumas recomendações foram passadas por Malcolm Love, especialista britânico responsável pelos treinamentos em comunicação do FameLab em diversos países. “Um dos exercícios que ele passou foi encarar o público com confiança. Foi importante para mim, porque sempre tive dificuldade de olhar nos olhos das pessoas”, relata Itikawa, para quem as recomendações serão úteis não apenas para comunicar a ciência para o público, mas também em congressos. ■ Bruno de Pierro